



AT WORK

ALGUNS EXEMPLOS DA PRÁTICA COTIDIANA DA BOSKALIS | JUNHO 2016

UMA NOVA PERSPETIVA

**NINA BLOG****Carl Klamer, Diretor de Projeto DolWin 3 Seabed Preparation**

“Está tudo sob controlo, Jan”, confirmei quando chamei o cliente a bordo do Rockpiper. “Então tenho notícias para ti, Carl”, respondeu. “Encalhámos”. Sabia que, nesse dia, o Rockpiper carregaria pedra no porto de Esbjerg. E o que aconteceu? Ao fim de anos e anos a “despejar” pedra durante a transferência do navio para terra, o leito marinho perto do cais estava vários metros

mais alto do que o mapa mostrava. Não foi a primeira surpresa que nos fez perder tempo. Um poste de vigia partido no barco de vigia foi o que levou a um barco de substituição e, depois, um pedaço de madeira ficou entalado no propulsor, levando à substituição do mesmo. E, como se isso não bastasse, o navio embateu contra a draga. O capitão perdeu o controlo do navio quando sentiu um movimento súbito da draga e o puxão provocado pela esteira excessivamente brusca. O facto foi atribuído, mais tarde, às operações DP que estavam a decorrer na altura. Em tais circunstâncias, um navio de 36 toneladas pode parecer uma casca de noz dentro de água. Felizmente, só houve danos materiais.

Olhando para o que aconteceu, foi um acumular de decisões que originou este

acidente: a escolha da metodologia, o equipamento, alojamento demasiado afastado e a necessidade de uma tripulação. Verificámos os locais para mudança de tripulação na avaliação de risco, mas deveríamos ter aplicado mais tempo para evitar o transporte de pessoas, por exemplo, colocando mais contentores com alojamentos na draga. Agora penso assim mas, em retrospectiva, na altura, toda a gente concordou. Foi a lição que aprendi: pensar numa nova perspetiva. Posso eliminar o risco em vez de o diminuir?”

O DolWin 3 envolve a instalação de uma segunda plataforma HVDC, na baía da Helgolândia. Esta primavera, o leito marinho foi nivelado com sucesso e reforçado com pedras. A Heerema colocou com êxito os dois “jackets”. A isso se seguirá a remoção submarina das cabeças dos postes pela BSS (2016) e a montagem da plataforma pela BOMC (2017).

VEJA MATE: A ARTE DE TRABALHAR EM CONJUNTO - EM SEGURANÇA

A construção do parque eólico em Veja Mate (Mãe do Vento), na baía da Helgolândia, é um projeto muito vasto. Sessenta e sete fundações de torres eólicas estão a ser colocadas no local, consistindo de peças de transição e monopilares, os enormes tubos metálicos que apoiam as torres. A Boskalis, em conjunto com a Volker Stevin International, é responsável por todo o processo, desde o fabrico até à montagem. Qual tem sido a experiência do Diretor Executivo do Projeto, Taco Terpstra?

“É entusiasmante. Temos de lidar com muitos e diferentes intervenientes, e isso leva a que tenhamos menos controlo sobre a operação”.

EM TERMOS DE SEGURANÇA, O QUE IMPLICA?

“Tivemos de trabalhar mesmo muito. Depois do lançamento do NINA, que foi bem aceite, tivemos de lidar com diversos incidentes e situações de perigo: as pessoas estavam a trabalhar em altura sem linhas de vida, na cabine de decapitem um homem tirou a máscara quando havia grana lha no ar, e apanhou com alguma nos olhos, parte de uma peça de transição quase rolou por cima de um operário, faltavam certificados, os procedimentos não eram adequados”.

O QUE FIZERAM?

“De início, debatemos internamente: deixamos avançar até que ponto? Demos

tudo por tudo: mais especialistas em segurança, mais supervisores. Mas o problema não se ficou pelos incidentes; toda uma cultura era diferente. Sempre que havia um problema com um mono pilar quando se estava a carregar um contentor de transporte, o subcontratante queria passar por cima disso. O facto de querermos intervir era visto como um incómodo”.

COMO CONSEGUIRAM DAR VOLTA À SITUAÇÃO?

“As coisas só começaram a mudar quando interrompemos duas vezes os trabalhos. Organizámos uma sessão de reflexão NINA na qual, de ambos os lados, expressámos a nossa incapacidade em compreender, o que nos preocupava e as nossas expectativas. Isso abriu caminho para debater verdadeiramente o tema ‘segurança’”.

QUE LIÇÕES RETIRARAM?

“Pensei, estamos agora a trabalhar na Europa Setentrional, por isso a consciencialização sobre o problema da segurança é provavelmente maior. Não podia estar mais enganado. A lição que retirei é não acreditar em tudo que sei ou acho. Ver para crer, passou a ser o meu lema”.

